

## O conflito de gerações ao gosto de Homero Homem

PIRES, Isabelle de Araújo.  
MONTEIRO, Valcêmia Freire  
Maria Marta da Silva Nóbrega (Orientadora)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

### 1. Um breve olhar sobre o autor

*Viram Dóris por aí?* É um Conto de Homero Homem (1921-1990), poeta, escritor, contista, jornalista profissional que estreou na literatura em 1954 e fez carreira no Rio Grande do Norte. Quando se mudou para o Rio de Janeiro, trabalhou como redator político e repórter especial do diário de notícias junto à Câmara dos Deputados, além de ser colaborador do suplemento literário desse matutino. *O Estado de São Paulo*, *Manchete*, *Última Hora*, *Revista do Globo*, *Leitura* foram as etapas posteriores de sua atividade na imprensa. Foi também professor da escola de comunicação da Universidade Federal e trabalhou como jornalista, colaborando em grandes jornais e revistas nacionais. Escreveu poesia, ensaios e ficção. Recebeu vários prêmios nacionais e internacionais. Expoente da Poesia Pós-Modernismo, Homero Homem distinguiu, em boa parte, ao público juvenil.

Foi co-fundador da seção Carioca da *União de Escritores*, da qual foi secretário, e fundador da *Associação dos Escritores Profissionais da Guanabara*, ao lado de Adonias Filho, José Loureiro, Raquel de Queiroz, Carlos Drummond Andrade, Plynio Doyle e outros. A obra literária de Homero Homem – onde a sua grande poesia talvez seja a nota dominante – alinha também o romance a crônica, a novela, o conto e o teatro.

Dedicado ao Presidente João Goulart, defendia a revolução social e também a estética como necessidades permanentes do homem. Sua Obra ajudou a fazer história, debatia-se entre os estertores do nosso melhor modernismo e os mais ativos vanguardismos e experimentalismos. Pode ser definido como neo-romântico, pós- geração de 45.

### 2. A narrativa

Viram Dóris por aí?

Em Ramos todo mundo brincava. Só ela. Na força de seus desejos de mocidade, havia de ficar em casa? Chorou. E os olhos verdes de Dóris ficaram lindos assim molhados. Bateu o pé, trancou-se no quarto o dia inteiro. E os olhos de Dóris brilhavam ainda mais verdes e lindos. Na escuridão.

Decidiu fugir. Mas já era necessário. Seu Diogo fazia um gesto frouxo, entregava Dóris ao Carnaval.

- Lavo as mãos.

Era pouco. Mas já era alguma coisa. Afinal, quem lava as mãos consente. E Dóris começou a pensar na fantasia. Levou uma semana inteirinha consultando as páginas do “jornal das Moças”.

Sairia de dama antiga ou camponesa? Que tal Dóris vestida de pirata? Pastora iria bem com os olhos verdes, o louro cabelo de Dóris?

Por fim prevaleceu o bom-senso, ou melhor, miserê de Dóris. Seu Diogo fechava-se em copas. Não daria um tostão para a fantasia. Dória teve que reconhecer ao mealheiro, fechado desde a primeira comunhão. Junta daqui, cata dacolá, acabou adquirindo as havaianas da Rua Larga.

Ficou linda, dentro dela. A própria mãe, que em tudo seguia o pai, sem vontade e sem verbo, não conteve as lágrimas quando viu aquela filha alimentada com o leite dos seus peitos e o amor de seu coração partir vitoriosa e feliz para o Carnaval.

Seu Diogo não quis ver o espetáculo de perdição. Dóris linda, os braços e o colo cobertos de miçangas, fiapos de papel brilhante roçando-lhes as pernas nuas, tão fortes e claras, denotando frescas origens portuguesas.

Refugiou-se o velho no fundo do quintal, trancou-se num silêncio ruim. Lá, mexendo nas mudas de plantas que eram suas confidentes, abominou tudo de repente – o Rio e o Carnaval.

Três dias e três noites se passaram sem que Dóris desse as caras. Não que Dóris tenha contado o tempo. Esses dias e noites passaram sobre Dóris feito coisas inebriantes e proibidas, éter e serpentina, batuque de músicas e corte de homem. A bem dizer Dóris estava preparada para aquele Carnaval. Tinha a fantasia, as músicas ela sabia todas. Aprendera-as no alto-falante da Farmácia.

Mistério do Carnaval. Dóris logo deles se assenhorou. Quem diria que cheirar éter era aquele formigamento tão bom de repetir? Mas aconteceram decepções, também. Dançar no “Ramos Clube”, Pro exemplo, não tinha nada de mais. Tudo mentira o que diziam.

O “Ramos” estava superado. Bom mesmo era o baile do “Terpsicore”, explicou a Dóris um folião desencantado com a moleza do baile do Ramos. “Vamos embora”?, convidou. Saíram juntos, mas Dóris com pouco enjoou do folião, se foi para outras descobertas, outros segredos do Carnaval.

O naval estava em toda parte. A princípio Dóris pensou que eram muitos, chegou a desconfiar que a Esquadra estava no porto. Depois prestou atenção ao bigodinho do naval, descobriu que era o mesmo bigodinho, a mesma simpatia de rapaz. Quando ele confessou

que a vinha seguindo desde o Subúrbio, Dóris achou graça, acabou concordando que era melhor ficarem juntos de uma vez.

Ah o pai lusitano mexendo nos cravos e tinhorões. Remoendo no fundo do quintal a dor silenciosa do sumiço de Dóris.

Não que Dóris fosse filha ruim. Mas o Carnaval era tão bom e novo para Dóris que ela não teve um minuto desocupado para pensar no homem grisalho, na mãe gorda que chorava escondido e não perdoava ao velho o fraquejar daquela frase – “Lavo as mãos”.

Por toda parte o Carnaval cumpria o seu ofício.

À boca da noite o povaréu largava dos subúrbios entre cantos e empurrões, vinha se derramar na orgia de luzes e batuques da Avenida. Aos que iam o pai de Dóris recomendava:

- Botem atenção na minha filha.

Aos que retornavam, o pai indagava:

- Viram Dóris por aí?

Mas, ninguém vira Dóris, ninguém procurara Dóris. Aquelas bocas só tinham vozes e notícias para o Carnaval.

Então Seu Diogo tomou aquela decisão de ir procurar a filha. Vestiu a melhor roupa, encaminhou-se para a cidade seguido pelo olhar inimigo da mulher. O dia vinha nascendo, era quarta-feira de cinzas.

As ruas estavam sujas e desertas, enjoadas de Carnaval. Seu Diogo saiu andando à toa por elas, parou numa esquina, perguntou aos varredores se tinham visto Dóris.

Eles riram daquele homem velho que procurava por Dóris. Um Pierrô que se espojara no meio fio, acordou com as gargalhadas, disse numa voz estremunhada que Dóris não vira, mas vira Dora. Servia?

Seu Diogo seguiu rua abaixo, tarado de dor. Lembrou-se dos cachos louros de Dóris, de seus bracinhos subindo-lhe pelos joelhos, da boca dizendo - Pa-pa. Lembrou-se de Dóris tirando o curso de datilografia na Escola Remington. Lembrou-se de Dóris pedindo aos gritos, quando voltava da Escola Pública, feijão frio, assim mesmo, que ela estava morta de fome.

Seu Diogo ia tão mergulhado em sua dor que nem o viu quando Dóris o chamou.

- Meu pai - insistiu ela. E esperava. O olhar povoado de sono, a boca ausente e decidida. Encararam-se. Depois cada um seguia o seu caminho, porque já não se conheciam nem prestavam um para o outro.

### 3. Os espaços identitários: a crise da noção de lugar e o conflito das gerações

No conto o narrador situa o leitor no espaço do tradicionalismo da moral familiar: um lar lusitano cujo pai é o provedor do lar (personagem principal Seu Diogo), a mãe (sem nome, sem voz, sem vez) é totalmente submissa à família, a esposa se delinea como a “sombra” do marido e a filha, uma jovem, criada na tradição cristã (Dóris - personagem principal), é a responsável pela tensão que organiza os fatos num conflito, evidenciado pela chegada do Carnaval, determinando a estrutura do enredo: Inversão de valores, mudança de postura, ruptura.

*Viram Dóris por aí?* Apresenta uma coerência em relação à unidade do conto, pois é uma narrativa moderna, simples e linear, onde os episódios são reduzidos e a ação é concentrada e dinâmica.

O núcleo central do enredo é o conflito gerado a partir dos episódios que se desenrolam com a chegada do carnaval e as atitudes das personagens diante do grande evento. Enredo que determina um desfecho de encontros, desencontros, aproximação, separação, êxtase, epifanias e frustrações.

A narrativa se precipita rápido a caminho do desenlace, cujos fatos contados por curtas informações apontam para o final brusco e melancólico da situação apresentada pelo narrador que é o triste e tenso encontro e desencontro entre pai e filha, suscitando o conflito de duas distintas gerações: um pai extremoso, de costumes conservadores, possuidor de um código moral atrelado a valores consagrados, notoriamente cristãos, preocupado com o futuro da filha e Dóris, jovem suburbana, filha única de uma pequena família lusitana que esboça a natural rebeldia adolescente (no caso de Dóris, uma rebeldia ingênua, pois involuntariamente quebra a integridade familiar), os sonhos, a ânsia, a curiosidade e a ousadia, que a leva ao carnaval, espaço onde se opera grandes transformações, tanto no seu comportamento quanto no seu cosmo visão.

A intenção ética do conto está centrada no comportamento dos dois personagens Dóris e Seu Diogo em cuja ação narrativa gira e onde estão os episódios mais determinantes do enredo.

Segundo DaMatta (2003, p.32), “O carnaval é um ritual de inversão do mundo. Uma catástrofe. Só que é uma reviravolta positiva porque é planejada e vista pela sociedade como desejada e necessária.” No caso da narrativa, esse evento planejado e vivido pela sociedade carioca convergiu na ruptura dos laços da tradição em uma família até então em “harmonia” padronizada. Como o carnaval possibilita a distribuição livre e igualitária do prazer sensual a todos, o desregramento, ele inventa um universo social onde a regra é praticar sistematicamente todos os excessos, algo praticamente impossível num mundo real, marcado pelo trabalho duro e pelas leis morais de respeito e responsabilidades.

DaMatta ( 2003, p.34) esclarece que a cena carnavalesca, não é chamada de *loucura* por acaso, esse termo sugere um desafio das coisas fora de lugar, “o riso irresponsável, *carnavalizado* num mundo movido pela dor , pelo poder, pelo choro e ela morte” (DAMATTA, 2003, p.34).

Nessa perspectiva analisamos o conflito entre duas gerações frente ao carnaval - os pais - que desejam manter em ordem a rotina cotidiana da sociedade patriarcal da qual são representantes e da filha do casal, que é jovem, moralmente criada e educada num ambiente pacífico e conservador , mas deseja despontar-se no espaço carnavalesco e usufruir do mágico fascínio que a liberdade (libertina) do evento proporciona, conseguindo a próprio custo (juntando as moedinhas guardadas desde a primeira comunhão), quebrar o equilíbrio outrora preservado.

O texto constitui-se uma história completa: apresentação, complicação, clímax e desfecho, apresentando os elementos fundamentais de uma narrativa – fatos, personagens, lugar e tempo.

A apresentação coincide com o começo da história e já aqui detectamos um narrador onisciente, pois conhece o interior dos personagens. Veja-se com o personagem Seu Diogo “(...) fazia um gesto frouxo, entregava Dóris ao Carnaval” e em relação à personagem Dóris: “Só ela, na força de seus desejos de mocidade, havia de ficar em casa?”, ainda: “Não que Dóris fosse filha ruim. Mas o carnaval era tão bom e novo para Dóris que ela não teve um minuto desocupado para pensar no homem grisalho, na mão gorda que chorava escondido (...)”. A maneira como o narrador intitula o pai de Dóris de “frouxo” e conclui que ela não seria “uma filha ruim” faz-nos inferir que os conhece no íntimo.

O conto apresenta discurso direto com pouca frequência (apenas em cinco momentos) e indireto mais freqüentemente, porém o discurso indireto livre é um dos recursos que chamam a atenção nesse conto pela sua predominância e por apresentar no jogo narrativo através da mistura de pontos de vista, diferentes ângulos de visão do narrador. O foco narrativo obedece às características técnicas das narrativas modernas de composição, predominando o foco em terceira pessoa onde o discurso do narrador e da personagem hibridamente se entrecruzam caracterizando um discurso indireto livre já num primeiro momento do conto: “Sairia de dama antiga ou camponesa? Que tal Dóris vestida de pirata? Pastora iria bem com os olhos verdes, o louro cabelo de Dóris?”; “Quem diria cheirar éter era aquele formigamento tão bom de repetir?”

Os fatos iniciais são apresentados numa linguagem sem retóricas, concisa, direta: o argumento da personagem principal, que desejava concupiscentemente participar daquele Carnaval, pleiteando a sua participação nele – sem se importar com o que, talvez, seria mais importante (os pais), seguido de um monólogo e algumas expressões que denotam revolta, próprias da idade, contudo revelando a personalidade temperamental da filha do casal lusitano “Chorou (...). Bateu o pé, trancou-se no quarto o dia inteiro”.

Em seguida o narrador apresenta o pai S. Diogo, que num gesto débil (ou frouxo, como diz o próprio narrador) foi vencido pelas “birras” e chantagens da filha entregando-a covardemente ao Carnaval. O receio da permissão direta, fiel ao caráter patriarcal das atitudes de Seu Diogo, está patente na expressão “lavo as mãos”. Depois a mãe da personagem principal é apresentada como a mulher frágil e subserviente que “em tudo seguia o pai sem vontade e sem verbo”. Ela, apesar de mostrar uma nuance mais conservadora, não impede a saída da filha, justamente pela sua submissão ao patriarca, atitude que afirma o poder de decisão masculina se contrapondo à passividade da mulher, que, posteriormente, se torna a “inimiga silenciosa” do próprio marido “ (...) *não perdoava* ao velho o fraquejar daquela frase: ‘- Lavo as mãos’”; “(...) encaminhou-se para a cidade seguido pelo *olhar inimigo* da mulher”.

Algumas palavras foram escolhidas pela carga semântica que denotam, como por exemplo, a palavra “vitoriosa”, em referência a Dóris, que marca a partida dela ao “mundo novo” e a quebra da vontade dos pais, definindo o conflito através das pistas fornecidas ao leitor. Expressões como “espetáculo de perdição”, “pernas nuas”, “coisas inebriantes e proibidas”, “mistérios do carnaval”, “tarado de dor” corroboram para o clima vertiginoso pretendido e criar uma atmosfera de mudança, de rompimento. A forma como o vocábulo “Carnaval” é grafado, em inicial maiúscula o personifica como um personagem real da narrativa, responsável por todo o conflito e a perturbação gerada no seio da tradicional família de Dóris.

Inicia-se então o conflito: a saída da filha para o mundo, que significava novas descobertas, novas sensações – o espaço da ruptura: a rua, que representa o pragmatismo da moral pura, a separação e a desagregação familiar e a reação do pai que “não quis ver o espetáculo de perdição”, mas, no seu “silêncio ruim” abominara tudo de repente: “o Rio e o Carnaval”.

A partir dessa informação os espaços geográficos são apresentados: a casa da família – espaço da preservação, da harmonia e do domínio, mas lugar onde o embate é travado entre a obstinação juvenil de Dóris e o rígido código moral dos pais, espaço da luta entre a preservação desses valores e a sua superação e transformação, ou seja, o espaço que se desdobrará em rompimento após o consentimento silencioso do pai; Outros espaços físicos, concretos são o bairro de Ramos, clubes- espaços das festas, o fundo do quintal, cujo pai se refulgia em sua culpa e sua dor e o Rio de Janeiro – onde o enredo se desenrola e uma rua da cidade, onde acontece o encontro e reencontro das personagens principais e o desfecho narrativo.

O tempo cronológico em que ocorrem os fatos é referenciado pelo emprego de marcadores temporais como: “três dias e três noites”; “passou uma semana inteira”. Temos também o tempo psicológico transcorrido numa ordem determinada pela memória do personagem Diogo que vivencia um drama íntimo e individual: “Seu Diogo seguiu rua abaixo tarado de dor. Lembrou-se dos cachos loiros de Dóris, de seus bracinhos subindo-lhe pelos joelhos, da boca dizendo Pa-pa. Lembrou-se de Dóris tirando o curso de datilografia na

Escola Remington. Lembrou-se de Dóris, pedindo aos gritos quando voltava da Escola Pública, feijão frio, assim mesmo, que ela estava morta de fome”. O tempo aqui tem como referência a condição em que o pai tinha o domínio da situação no seio familiar, esse tempo interior é o que confere um clima dramático, quase trágico à narrativa. A rememoração de Seu Diogo cria uma atmosfera triste que se expõe através das dolorosas recordações e aflições de um pai em face ao destino inusitado da filha.

No conto há no 10º parágrafo o momento epifânico e dilacerante de Dóris que dá origem à ruptura dos valores familiares tradicionalmente herdados, que se dá na busca intensa das emoções e sensações de uma jovem ávida ao desfrute dos prazeres carnavalescos. A personagem morre e renasce: “Mistérios do carnaval. Dóris logo deles se assenhorou”. Ela descobre a si mesma enquanto mulher “‘Vamos embora?’, convidou. Saíram juntos (...) acabou concordado que era melhor ficarem juntos de uma vez” e rompe com a infância, se inserindo na vida adulta, num universo, até aquele momento, desconhecido.

O narrador segue evidenciando os fatos que constroem o enredo da trama: O deslumbramento da personagem Dóris frente ao ópio carnavalesco e as descobertas dos seus segredos: “Três dias e três noites se passaram sem que Dóris desse as caras”; “Esses dias e noites se passaram sobre Dóris feito coisas inebriantes e proibidas, éter e serpentina, batuque de música e corte de homem. Quem diria que cheirar éter era aquele formigamento tão bom de repetir?”; O sentimento de culpa e a “dor silenciosa” do pai na imagem: “(...) remoendo no fundo do quintal a dor silenciosa do sumiço de Dóris”; E a revolta “escondida” da mãe: “(...) e não perdoava ao velho o fraquejar daquela frase – ‘lavo as mãos’ ” – enunciado este que avalia a filha, dando-lhe a covarde permissão de ir “ao mundo” conhecer o novo;

A trajetória de Dóris esbarra em algumas decepções como “dançar no Ramos clube” o encontro com um “folião desencantado com a moleza do baile de Ramos”, que teve rápida presença no conto e na companhia da jovem, apesar de saírem juntos do baile, Dóris “com pouco enjoou do folião, se foi para outras descobertas, outros segredos do Carnaval”. O adjetivo “desencantado” marca a participação frustrada do folião que não obteve sucesso no “encantamento” da moça que logo saíra para novas aventuras, deixando-o para trás.

Há que atentarmos para os demais personagens cujas furtivas participações são, apesar de rápidas, significativas. Temos na personagem “Naval” – rapaz com que Dóris se encontra num momento das suas andanças carnavalescas, que notoriamente apresenta uma incrível coincidência sonora com a palavra carnaval.

Se observarmos bem, o personagem marca um dos momentos de ruptura de Dóris, quando pela sua insistência ganha a sua atenção, convencendo-a a seguir, a partir dali, na companhia dele, arrebatando-a para si ao ponto dela mesma concluir que era melhor “ficarem juntos de uma vez”, rompendo com a infância e iniciando a transição entre dois mundos: O da Dóris- menina de cachos louros para a Dóris- mulher de pernas nuas. Também o próprio evento do Carnaval, arrebatando a presença dela do seu espaço identitário - o seu lar - causando severas mudanças em sua vida, este se torna personagem no momento em que ganha

proporção significativa de estopim da separação entre Pais e filha. O Naval separa Dóris da infância, o Carnaval, a separa da família.

A fusão Naval - Carnaval não é apenas fônica, sonora, “mas na proximidade entre enunciado e enunciação narrativa, texto e discurso” (AMORIM, 1999-2000). O personagem Naval é evidenciado pela transitoriedade, pelo prazer sensual, efêmero, fugaz, pelo desregramento, caracterizações próprias do Carnaval.

Ele aparece na trama de maneira imprecisa e tem uma identidade vaga, apenas é apresentado como um marinheiro de “bigodinho” charmoso e carisma aparente, e isso nos remete à idéia populesca, folclórica de amores furtivos, relações descompromissadas, típicas da profissão do “homem do mar”, representando o signo que determina a mudança de comportamento da jovem, ou seja, o próprio “Carnaval”, que introduz Dóris num novo contexto social.

Há uma aproximação sonora e semântica e uma conversão: A figuração do evento no homem, a conversão do signo imaterial à concretude da matéria na personificação do Carnaval na figura dinâmica do militar. O concreto representando o abstrato e o abstrato representando o concreto, aproximando-se pelos referentes comuns no plano de identificação do discurso narrativo.

Ambos também se identificam nas expressões que denotam certa onipresença, implicando no poder de domínio e fascínio que exercem na jovem inexperiente e vislumbrada: “O naval estava em toda parte” e “Por toda parte o Carnaval cumpria o seu ofício”.

Ainda há a inferência de dupla entrega de Dóris - a entrega da personagem em assentir à companhia do “simpático rapaz”: “Quando ele confessou que a vinha seguindo desde o Subúrbio, Dóris achou graça, acabou concordando que era melhor ficarem juntos de uma vez”.

A expressão “de uma vez” confere uma aparente intensidade ao relacionamento deles, idéia que é reforçada pela informação prévia: “Esses dias e noites passaram sobre Dóris feito coisas inebriantes e proibidas, éter e serpentina, batuque de música e corte de homem” e a locução verbal “acabou concordando” supõe a falta de autodeterminação, a passividade com a qual fora educada, que a fez doar-se sem muita dilação.

A outra rendição é aos prazeres que o evento avulta em todos os foliões, inclusive na moça, pelo encantamento com que captura seus adeptos: “À boca da noite o povaréu largava-se dos subúrbios entre cantos e empurrões, vinha se derramar na orgia das luzes e batuques da avenida”, principalmente se atentarmos para a escolha dos verbos “largava-se” e “derramar”, que denotam afrouxamento, alargamento, o soltar rédeas, o deixar fluir.

Outro personagem relevante do conto é o Pierrô, que embora apareça de forma meteórica, é marcado pela forte ironia quando faz zombaria à pergunta inquieta de um pai, que tenta resgatar a filha dos braços do Carnaval (dando idéia de salvação, de resgate) em plena quarta feira de cinzas: “Vestiu a melhor roupa, encaminhou-se para a cidade (...)”,



recobrado de sua profunda angústia e inércia, regado pelo “olhar inimigo da mulher”, vaga pelas “ruas sujas e desertas, enjoadas de Carnaval” (e aqui o narrador precipita o final do carnaval: os restos, as cinzas, para indiciar o final do conto num clima de separação, de tragédia imbricada na narrativa).

A súbita coragem de Seu Diogo, talvez se devesse ao fato de se sentir menos impotente, como uma fênix renascida, ao fim das festas, visto que não podia concorrer com o Carnaval no auge de seus rompantes. Sai, então, à procura de Dóris e se depara com um Pierrô inebriado (representando o contexto decadente dos finais, o restolho do carnaval) quando lança a pergunta que intitula o conto: “Viram Dóris por aí?”. Ao que este responde desinteressadamente à indagação daquele com “voz estremunhada que Dóris não vira, mas vira Dora. Servia?”.

Podemos aqui atentar novamente para a semelhança sonora e vocabular (dor+is / dor+ a = mesma raiz) entre as palavras Dóris e Dora. A significação dessa palavra está ao nível do entretexto narrativo, no plano das entrelinhas. Ao retirar o acento que dá tonicidade e confere a força sonora do substantivo Dóris, temos a palavra “dores” (sofrimento físico ou moral, segundo dicionário Aurélio, 2004), que é um índice da sugestão da mudança do nome Dóris para Dora. Essa perda de sonoridade no nome Dóris, pode representar também a perda da força, a derrocada, a decepção moral pela qual a personagem Diogo vai se deparar logo adiante. A mudança reflete hipoteticamente a deformação no caráter da filha, na visão do pai.

É provável que a escolha do nome Dóris tenha sido efetivo para representar a atmosfera de dor, angústia, perda e decepção, provocadas pela partida “vitoriosa” (denotando guerra, o entrechoque das gerações em questão na narrativa) da filha que levava uma vida, até então, sem muitos ímpetos, e pelas conseqüências dessa precipitação inusitada (perda da presença, fragmentação familiar, ruptura dos valores morais, derrota) experimentadas pelos pais, ação central que move a narrativa. É nesse instante que se instala uma tensão que prenuncia o desfecho fatalista do conto.

Para reforçar essa hipótese, o narrador, no parágrafo seguinte usa a expressão “tarado de dor” para dar forte carga semântica ao sentimento que regia Seu Diogo naquele momento tão difícil e desolador que se encontrava, quase que sem esperanças de reencontrar a filha. Em outro parágrafo, ele enfatiza ainda mais a dor desse velho pai “Seu Diogo ia tão mergulhado em sua dor”, elegendo a palavra “mergulhado” para apontar a dimensão infinita dessa dor, na imagem que se constrói ao compararmos o verbo *mergulhar* com o substantivo contíguo *mar*, que dá idéia de imensidão, imprecisão, infinitude.

O conto é uma *mimese* dos dias de hoje. O conflito de gerações se exarcebou nos dias hodiernos. Os pais se recusam a ser contemporâneos de si mesmos, pois não há diálogo entre eles. Na verdade a ruptura já havia no interior dessa família lusitana, pois o conto narra a história de dois despreparos: dos pais de Dóris e dela mesma para o enfrentamento da vida. Apesar da publicação do conto datar 1965, décadas anteriores a atual, a temática é ainda contemporânea. Embora os valores mudem e se imponham aos velhos hábitos, parece-nos que a instituição familiar teima em permanecer em imanência.

A diferença de perspectivas, de mentalidade, de visão de mundo, de experiências, fecunda o conflito das gerações que representam os pais e os filhos perpassando secularmente pelos usos, costumes, culturas e crenças. Homero Homem trata deste assunto com uma carga dramática compacta, carregada de emoção que chega a ser vertiginosa. Os comportamentos são questionados, as condutas abaladas, vertidas em expressões ricas, num jogo de sonoridade e significação, cheias de entrepostos.

Na perspectiva do pai, Seu Diogo houve uma perda; para Dóris uma conquista, uma liberdade ingenuamente roubada, pois a narrativa parece aventar que embora Dóris demonstre rebeldia em decisão firme de participar do carnaval, seu envolvimento parece inconsciente. No 15º parágrafo o narrador constrói a idéia da incapacidade da personagem de percepção da dimensão dos fatos ao seu redor, dos limites de suas escolhas frente ao que é novo, ao inédito. As atitudes parecem involuntárias, despreziosas, deslumbradas, tão naturais quanto inocentes: “Não que Dóris fosse filha ruim. Mas o Carnaval era tão bom e novo para Dóris que ela não teve um minuto desocupado para pensar no homem grisalho, na mãe gorda que chorava escondido (...)”.

O clímax, sendo o momento culminante da história, atinge seu ponto máximo no momento em que “Seu Diogo ia tão mergulhado em sua dor”, quase em desistência, após transpor-se às lembranças da infância da filha, encontra-se com ela e “Encaram-se”.

Nesse instante de enfrentamento de ambos, a descrição do olhar de Dóris é uma representação da condição de mudança radical e degradante da personagem “E esperava o olhar povoado de sono, a boca ausente e decidida” contrastando com os referentes iniciais desse mesmo olhar evidenciado pelo narrador. Aqui, parece marcar a jovialidade, o frescor e o ar pueril da personagem no parágrafo que introduz o conto “E os olhos verdes de Dóris ficaram lindos assim molhados (...). E os olhos de Dóris brilhavam ainda mais verdes e lindos na escuridão”. Ali, assinala a avilteza réproba do semblante de Dóris.

O narrador faz essa ênfase no olhar tanto no primeiro quanto no último parágrafo, dando a entender a divisão e o rompimento, o início e o fim do ciclo, da história, do trajeto degenerescente da personagem. O “divisor de águas” que marcou o radical extremismo vivido por ela num percurso tão triunfante quanto triste apontado pelos valores em contra-senso. Os papéis das gerações do pai e da filha aqui são postos em xeque e o desfecho é anunciado: “Depois cada um seguiu seu caminho, por que já não se conheciam nem prestavam um para o outro”. A palavra “depois” sinaliza o momento posterior ao clímax da narrativa, à tensão estabelecida pela troca de olhares e de perspectivas.

Não há como precisar o tempo entre o “encarar” e o “concluir que não serviam um para o outro”, são episódios que aparecem um após o outro, e da forma como o narrador os coloca, num mesmo parágrafo, separados apenas pela pontuação, o que se pode inferir é que, pela carga de emoção imbuída nesse espaço tão curto, apesar do ritmo frenético que a narrativa assume, desde o início, aqui, há uma pausa atípica, não marcada no texto, mas aludida no entretexto, intuída no intradiscurso, no entremeio da idéias, há uma força no olhar,

no contemplar, que leva a uma conclusão definitiva que viola o contrato familiar, uma fratura muito forte para um breve momento.

Vemos o romper dos laços familiares com o abandono do pai à filha, pois o moralismo exacerbado torna-se mais forte que a afetividade: “–Meu pai – insistiu ela. E esperava, (...)”. A insistência de Dóris ao chamar o pai e a espera passiva e cândida da reação deste estabelece uma evidência que não é recíproca. Ela o evoca duas vezes, mas ele decidira pelo esfacelamento da família por causa da quebra dos modelos idealizados na sua formação patriarcal: aquela não era mais a filha Dóris, criada no seu seio, talvez fosse a Dora, que o inebriado Pierrô se referiu, mas não a sua Dóris, de olhos verdes e brilhantes, mas a Dora de olhos povoados de sono e boca ausente e decidida.

É clara a falta de afinidades entre pais e filhos, a ausência de diálogo, entre dois distintos universos, em que cada qual ocupa seu lugar, o seu espaço identitário, delimitado pelos ditames dogmáticos sentenciados pelos princípios doutrinários arraigados no caráter desse pai.

Seu Diogo vive seu momento de epifania, após seu encontro com Dóris, pois passa a ver o mundo e a si mesmo de outro modo, partindo da troca de olhares, pós-carnaval, com a filha. Esse momento dá origem a questionamentos filosófico-existenciais que levam as personagens à conclusão de que “não prestavam um para o outro, porque não se conheciam mais” (ou talvez nunca se conhecessem). É um conto moderno, ferozmente condensado, que trata de um assunto atemporal: a história de dois despreparos para a vida: Seu Diogo e Dóris, representantes de duas gerações que (talvez) serão sempre conflituosas: pais e filhos.

#### 4. Referências bibliográficas

AMORIM, José Edilson. **Viram Dóris por aí?** Campina Grande: Ariús. N° 09. CH-UFPB, 1999-2000.

AUERBACH, Enrich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura.** 2ªed. Revisada. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BOSI, Alfredo (org.). **O conto brasileiro contemporâneo.** São Paulo: Cultrix, 1978.

BORDINI, M. GLÓRIA e AGUIAR, V. Teixeira. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CIDADE, Irlan de Alvarenga. **O combate do carnaval e a quaresma.** São Paulo: Hérder, 1985.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

GOTLIB, Nádía Batella. **Teoria do conto.** São Paulo: Ática, 1985.

HOMEM, Homero. **Carliteana carioca.** Rio de Janeiro: Leitura, 1965.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.** V.II. São Paulo: Ed.34, 1999.

MORAES LEITE, Lígia Chiappini. **O foco narrativo.** São Paulo: Ática, 1985.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** São Paulo: Cultrix, 1992.

MESQUITA, Samira Nahid. **O enredo.** São Paulo: Ática, 1986.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa.** São Paulo: Ática, 1988.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves.** São Paulo: Cia das Letras, 2004.